



Avaliação da composição corporal e nível de autoestima em mulheres com Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES).

Kishimoto, S.T.; Fernandes, P.T.; Appenzeller, S.
Faculdade de Ciências Médicas/ FCM
Faculdade de Educação Física/ FEF
Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, Campinas, Brasil

O Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES) é uma doença inflamatória crônica, autoimune, que pode afetar múltiplos órgãos ou sistemas, com períodos de atividade e remissão da doença. Nos últimos anos, observa-se um aumento da incidência de problemas cardiovasculares nestes pacientes (relacionado com a atividade da doença) e de outros fatores de risco como a hipertensão arterial, diabetes, sedentarismo e obesidade. Fatores estes, cada vez mais associados com a inatividade física, causando maiores índices de dislipidemia, alterações do humor, ansiedade e depressão, consequentemente, aumentando o risco de mortalidade. O objetivo deste estudo foi avaliar e comparar a composição corporal e os níveis de autoestima em mulheres com LES. Foram entrevistadas 61 mulheres, pacientes do Ambulatório de Reumatologia HC/Unicamp, com idade entre 18 a 67 anos (média±desvio padrão: 34,3 ± 12,4 anos). Para avaliar a composição corporal foi utilizado o aparelho de bioimpedância elétrica vertical (marca Omrom HBF 514C). A Escala de Autoestima de Rosenberg, foi utilizada para avaliar a atitude e o sentimento positivo ou negativo por si mesmo, quanto menor o escore melhores os níveis de autoestima. Para a análise estatística foi utilizado o software SYSTAT 12™ para comparar as diferenças de variáveis contínuas entre grupos. O nível de significância adotado foi de $p < 0,05$. A análise de composição corporal mostrou que as pacientes apresentaram IMC (índice de massa corporal) (média=28), gordura corporal total (média=41,8), músculo esquelético (média=24), gordura visceral (média=6,9), cintura (média=98,2). Das 61 mulheres avaliadas através do IMC identificamos 1 pessoa (1,6%) abaixo do peso, 19 pessoas (31,1%) peso normal, 22 pessoas (36%) sobrepeso, 14 pessoas (22,9%) obesidade grau I, 4 pessoas (6,5%) obesidade grau II e 1 pessoa (1,6%) obesidade grau III. Ao comparar o IMC com os níveis de autoestima identificamos que quanto menor o IMC, melhores os níveis de autoestima ($p=0,001$). Os pacientes apresentaram média de IMC, gordura total, gordura visceral e cintura acima dos índices de normalidade e musculatura esquelética abaixo dos padrões de normalidade. Identificamos que quanto menor o IMC melhor o nível de autoestima. Salientamos a importância de programas de exercício físico como tratamento complementar ao medicamentoso para estes pacientes, auxiliando assim no controle da obesidade e consequentemente melhora da autoestima. Apoio Capes.

E-mail: kishimoto.simone@gmail.com